

TRABALHO INFANTIL

Uma dura realidade que “envergonha” Maputo

HEREMIAS MOISÉS LANGA

MAPUTO vive, nos dias que correm, uma realidade que envergonha. Ao ritmo que as coisas passam, tornou-se aparentemente normal conviver com o trabalho infantil sem nos apercebermos que estamos perante uma das mais flagrantes formas de violação dos direitos da criança, em muitos casos incentivada pelos pais e encarregados de

educação, movidos pela pobreza.

Nas ruas, mercados e até cemitérios multiplica-se a presença de rapazes e raparigas que, na flor da idade, já conhecem o suor do trabalho árduo. De corpos franzinos (próprio da idade) e roupas desarranjadas, engordam o trabalho informal, vendendo um pouco de tudo, desde frutas, rebuçados, água e cigarros. Outros tantos entrecruzam-se como polidores ou guardas de carros. Nes-

ta busca frenética pelo que comer, há os que chegam a trabalhar até altas horas da noite.

Caso de Miguel Marcos, 13 anos de idade, que vive no Hulene “A”, um dos bairros periféricos da capital. Todos os dias, ao raiar do sol, larga o conforto do lar e vai à labuta, concretamente na Praça dos Trabalhadores, onde vende ovos cozidos.

O pequeno Miguel conta que faz este trabalho para reforçar a renda familiar,

pois, os pais têm poucas posses. É dos rendimentos desta actividade que custeia as despesas com os seus estudos. Caso contrário, ficaria sem ir à escola.

Miguel estuda no período da tarde numa turma da 3.ª classe, facto que lhe faz largar o trabalho por volta das 12.00 horas para ir à escola, onde muitas vezes chega atrasado.

“Se tivesse apoio, deixava de vender e só me dedicaria à escola. Mas não me

posso dar a esse luxo. Prefiro continuar a vender, porque no final do dia tenho algo para comer”, disse resignado.

Miguel sonha em um dia reverter a sua condição e poder ajudar outros meninos submetidos ao trabalho infantil.

Muitas das crianças na condição de trabalhadores remunerados vivem com os tios, avós e outros parentes ou são filhos de pais separados ou falecidos.



Miguel Marcos, com 13 anos, ainda está na 3.ª classe

Mil e quinhentos meticais mensais

NA semana em que se assinalou a jornada contra o tráfico de seres humanos ficou o alerta de que também há uma grande franja de menores aliciados das suas zonas de origem com promessas de melhorar a sua condição de vida e não fim tiveram como destino o sofrimento.

A realidade do meio rural, marcada pelas dificuldades de acesso à escola e ao emprego, faz com que os pais enviem os filhos para a cidade na expectativa de que estes rompam o ciclo da pobreza. Regra geral, os pais não veem mais o futuro dos filhos a passar pelo uso da enxada de cabo curto, na agricultura, e depositam na cidade as esperanças de melhores condições de vida.

Gércio Timba, de 12 anos de idade, é órfão de pai. Com a morte do progenitor, no ano passado, viu-se obrigado a sair. Vai vendendo produtos de

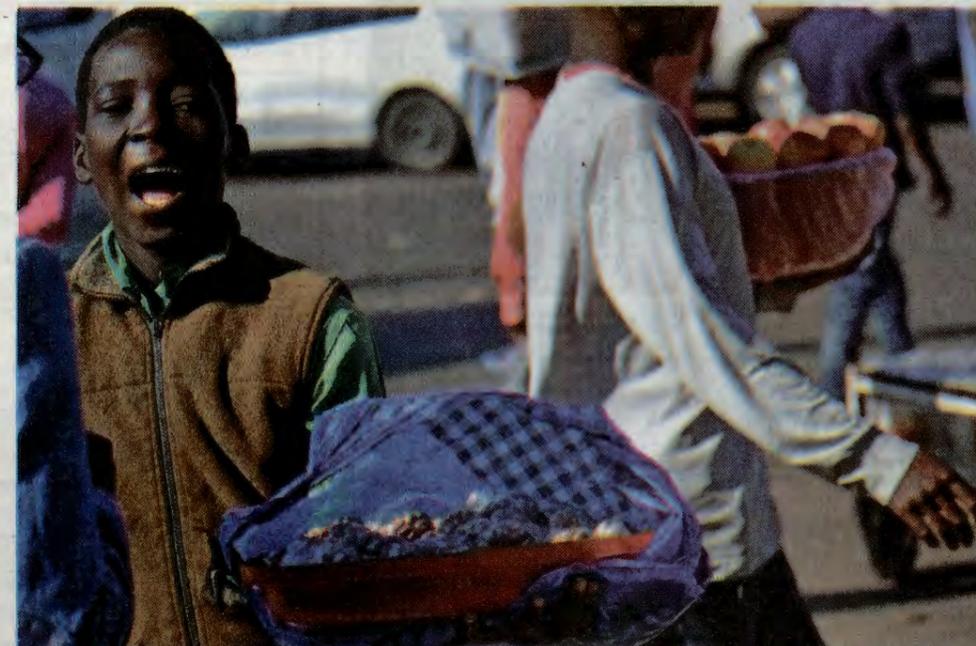
nheiro para comprar o amendoim, mas há dias que volta para casa com 500 ou 800 meticais”.

Por mês aufer 1500 meticais, dinheiro que envia para a mãe na província de Gaza para o sustento dos três irmãos. Mesmo assim, tem que restar algum para a sua alimentação e vestuário.

Contou que há dias que desperta ao cantar do galo para usufruir da boleia do vizinho que trabalha no centro da cidade, pois, nem sempre tem dinheiro para o “chapa”. Quando falta transporte faz as duas viagens a pé.

Gércio tem que ser astuto, porque, não raras vezes, tem que disputar o espaço e os clientes com vendedores mais velhos.

“Quando nos arrancam o dinheiro chamamos a Polícia e eles nos devolvem”, explicou. A Lei de Trabalho em vi-



Gércio Timba aufer 1500 meticais por mês vendendo amendoim

vo, agravando esta situação, quando estão em causa os direitos da criança

“stress”, como o trabalho infantil, podem causar efeitos profundamente negativos na

Saída explica que, regra geral, estas não têm tempo para ser criança e a sua identi-

A mudança ainda está longe

“O TRABALHO infantil é uma realidade dura com que nos confrontamos no dia-a-dia, sobretudo nas zonas urbanas. Dura porque a maioria o faz na tentativa de ajudar no sustento da família, daí que não há muitas soluções face à realidade do próprio país”, disse Mariana de Sousa, secretária da Organização Continuadores na cidade de Maputo.

Indicou que está a ser difícil às autoridades proibirem que as crianças trabalhem para a sua sobrevivência, sobretudo porque vivem com pessoas que dizem não ter condições para lhes sustentar. “Como princípio, teríamos de lhes dar assistência em todos os sentidos. Temos sensibilizado os pais e encarregados de educação para que lhes deixem ir à escola e brincar, que lhes seja dado um pouco de tudo”, acrescentou.

Explicou que todos os membros da sociedade têm que ser envolvidos na busca de soluções, porque nos casos em que as crianças são enviadas para Maputo, para estarem ao cuidado de parentes, os pais não concebem e nem aceitam que os menores estão a ser maltratados, facto que constitui um embaraço para a mudança requerida.

Reconheceu que é um trabalho duro e complicado, mas a solução deve ser encontrada por todos.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

- ROTUNDA – Av. Vladimir Lenine, 2791
- SOCORRO – Av. Agostinho Neto, 190
- FRANCA – Av. Eduardo Mondlane, 733 e 735
- MALHANGALENE – Av. Vladimir Lenine, 2791, r/c
- XITSUNGU – Av. de Moçambique, 4153, r/c
- MODERNA – Av. Eduardo Mondlane, 1425
- DIA E NOITE – Av. Julius Nyerere, 764

CORPO DE SALVAÇÃO PÚBLICA

- Chamadas de Socorro — 82 198
- Geral: 21322222
- 21322334

CRUZ VERMELHA

- Serviço Geral — 21629554

HOSPITAIS

- Banco de Socorros HCM — 21620448
- Serviço Geral — 21620457
- Hospital Militar — 21616825/8
- José Macamo — 21600044
- Idem — 21600045
- Geral de Mavalane — 21675167

POLÍCIA

- POLÍCIA: — 199
- Corpo da Polícia
- Maputo: — 21622001
- 21625031
- 21327206
- SOCORROS: — 197

MUSEUS

- Museu da Revolução – Av. 24 de Julho, n.º 2999
- Museu da História Natural – Travessa do Zambeze, n.º 104
- Museu Nacional da Moeda – Rua Consiglieri Pedroso
- Museu Nacional de Arte – Av. Ho Chi-Min, n.º 1233

MUNÍCIPE FALA

NA semana em que se assinalou a jornada contra o tráfico de seres humanos ficou o alerta de que também há uma grande franja de menores aliciados das suas zonas de origem com promessas de melhorar a sua condição de vida e no fim tiveram como destino o sofrimento.

A realidade do meio rural, marcada pelas dificuldades de acesso à escola e ao emprego, faz com que os pais enviem os filhos para a cidade na expectativa de que estes rompam o ciclo da pobreza. Regra geral, os pais não veem mais o futuro dos filhos a passar pelo uso da enxada de cabo curto, na agricultura, e depositam na cidade as esperanças de melhores condições de vida.

Gércio Timba, de 12 anos de idade, é órfão de pai. Com a morte do progenitor, no ano passado, viu-se obrigado a deixar Xai-Xai, província de Gaza, sua terra natal, e partiu para a capital a fim de conti-

nheiro para comprar o amendoim, mas há dias que volta para casa com 500 ou 800 meticais”.

Por mês auferem 1500 meticais, dinheiro que envia para a mãe na província de Gaza para o sustento dos três irmãos. Mesmo assim, tem que restar algum para a sua alimentação e vestuário.

Contou que há dias que desperta ao cantar do galo para usufruir da boleia do vizinho que trabalha no centro da cidade, pois, nem sempre tem dinheiro para o “chapa”. Quando falta transporte faz as duas viagens a pé.

Gércio tem que ser astuto, porque, não raras vezes, tem que disputar o espaço e os clientes com vendedores mais velhos.

“Quando nos arrancam o dinheiro chamamos a Polícia e eles nos devolvem”, explicou.

A Lei de Trabalho em vigor refere que as entidades que tenham menores ao seu



Gércio Timba auferem 1500 meticais por mês vendendo amendoim

vo, agravando esta situação, quando estão em causa os direitos da criança.

“Temos uma realidade em que o sector informal é alimentado por menores na faixa dos sete e 17 anos”, disse Buana.

Apontou que há cerca de trezentas mil crianças nesta faixa etária, das quais 74,4 por cento estão no sector do comércio. No entanto, também há petizes noutros sectores que, apesar dos números

não serem expressivos, não deixam de ser preocupação, caso dos catadores nas lixeiras. No caso da lixeira do Hulene, crianças há que estão no lugar dos pais já “reformados”.

“A retirada destes meninos não pode ser coerciva. É preciso compreender melhor o fenómeno”, disse.

CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS NAS CRIANÇAS

Os factores que levam uma criança a começar a trabalhar muito cedo são vários, dentre eles a violência intra-familiar, a orfandade, a pobreza extrema, entre outros.

Segundo Saida Thompson, responsável do Programa de Saúde Mental e Apoio Psicossocial na cidade de Maputo, os factores de risco podem estar associados à alta probabilidade de ocorrência de problemas de saúde física e mental.

Apontou que eventos de

“stress”, como o trabalho infantil, podem causar efeitos profundamente negativos na vida da criança/adolescente com reflexos na fase adulta, principalmente no seu desenvolvimento psicossocial e educacional, incluindo as áreas cognitivas comportamentais, linguagem, desempenho académico, desenvolvimento sócio-emocional, baixa tolerância à frustração, baixa auto-estima, rigidez, ausência de empatia, abuso ou dependência de substâncias psicotrópicas, depressão e problemas físicos.



Saida Thompson, responsável do Programa de Saúde Mental e Apoio Psicossocial

Saida explica que, regra geral, estas não têm tempo para ser criança e a sua identidade desde cedo é amarrada a valores preconcebidos e incutidos por um sistema consolidado pelo trabalho.

Reconheceu, no entanto, que nem todas as crianças nesta condição vão desenvolver problemas sociais ou de saúde mental. Algumas delas, apesar do sofrimento pelo qual passam, podem desenvolver estratégias de defesa para lidar com a pressão e sofrimento a que estão expostos desde a infância.

“O TRABALHO infantil é uma realidade dura com que nos confrontamos no dia-a-dia, sobretudo nas zonas urbanas. Dura porque a maioria o faz na tentativa de ajudar no sustento da família, daí que não há muitas soluções face à realidade do próprio país”, disse Mariana de Sousa, secretária da Organização Continuadores na cidade de Maputo.

Indicou que está a ser difícil às autoridades proibirem que as crianças trabalhem para a sua sobrevivência, sobretudo porque vivem com pessoas que dizem não ter condições para lhes sustentar. “Como princípio, teríamos de lhes dar assistência em todos os sentidos. Temos sensibilizado os pais e encarregados de educação para que lhes deixem ir à escola e brincar, que lhes seja dado um pouco de tudo”, acrescentou.

Explicou que todos os membros da sociedade têm que ser envolvidos na busca de soluções, porque nos casos em que as crianças são enviadas para Maputo, para estarem ao cuidado de parentes, os pais não concebem e nem aceitam que os menores estão a ser maltratados, facto que constitui um embaraço para a mudança requerida.

Reconheceu que é um trabalho duro e complicado, mas a solução deve ser encontrada por todos.

MUNÍCIPE FALA

Cães vadios aterrorizam bairro George Dimitrov

TRÊS pessoas, duas das quais crianças, foram mordidas recentemente por cães vadios que circulam pelas ruas do bairro George Dimitrov, arredores da cidade de Maputo, facto que preocupa os residentes, que apelam para a captura dos animais.

Segundo contaram os residentes, a matilha aglomera-se numa área denominada vedação, local onde os moradores usam para depositar lixo.

“Os cães semeiam terror nas ruas circulando à vontade a qualquer hora. Não sabemos da proveniência destes”, disse João Mondlane, residente no bairro há 15 anos.

Mondlane acredita que estes estejam por detrás do desaparecimento das suas galinhas.

“Vi vestígios de penas espalhadas no quintal, o que nos leva a crer que podem ter sido atacadas pelos cães”, indicou.

António Mathe, 62 anos de idade, que vive no bairro desde 2009, reclamou da imundície que os caninos provocam na via pública ao espalharem o lixo depositado pelos residentes.



João Mondlane



António Mathe



de animais vadios, “George Domitrov” queixa-se também dos “homens catana” que à calada da noite aproveitam-se da falta de iluminação para “caçar” as suas vítimas.

“Há dias, ouvimos gritos por volta das 23.00 horas, momento em que os malfetores atacam as suas vítimas. Eles roubam carteiras, telefones, para além de agredir as pessoas deixando-as com sequelas para toda a vida”, afirmou Beatriz Abel, 26 anos, que reside no bairro desde 2013.

Deu conta de que o clima de insegurança dura já há meses e é propiciado pelas ruas escuras. “Os malfetores encontram o campo livre para fazer o seu “trabalho”, quando as pessoas voltam do serviço ou da escola”, disse.

Devido a esta onda de assaltos e agressões, a municipalidade clama pela intervenção de quem de direito, de modo a que haja tranquilidade no bairro.

Enquanto isso, Samira Bibi está preocupada com a ousadia dos criminosos que arrombam as residências e apoderam-se, sobretudo, de electrodomésticos.

POLÍCIA

POLÍCIA: 199

Corpo da Polícia

Maputo: 21622001

21625031

21327206

SOCORROS: 197

MUSEUS

Museu da Revolução - Av. 24 de Julho, n.º 2999

Museu da História Natural - Travessa do Zambeze, n.º 104

Museu Nacional da Moeda - Rua Consiglieri Pedroso

Museu Nacional de Arte - Av. Ho Chi-Min, n.º 1233



Jafar Buana, director do Trabalho, Emprego e Segurança Social

niar com os estudos.

Foi acolhido pela tia materna, no Chamanculo, que lhe ofereceu a venda de amendoim torrado como condição para estudar. Passado um ano, o negócio virou rotina e não mais voltou aos bancos da escola, que interrompeu na 5.ª classe.

O negócio que faz não é tão fácil como parece, “há vezes que as pessoas não têm di-

serviço devem adoptar medidas tendentes à sua educação ou formação profissional e proporcionar-lhes condições de trabalho adequadas à sua idade, prevenindo danos ao seu desenvolvimento físico e moral.

Sobre essa matéria, Jafar Buana, director do Trabalho, Emprego e Segurança Social na capital, disse que nem todo o trabalho infantil é negati-